

Editorial Temático

Carlos Costa Almeida

Editor Científico da Revista Portuguesa de Cirurgia

Autores, editores e revisores

Authors, editors and reviewers

Digo frequentemente aos estudantes e aos jovens internos: “Se quiserem ficar conhecidos para a posteridade têm de escrever. Só houve um que não escreveu nada e dois mil anos depois ainda se fala dele, mas esse teve quatro que escreveram por ele!”. Percebem de imediato que me refiro a Jesus Cristo e aos evangelistas, e que o que hoje sabemos do que ele fez e disse foi descrito por estes. E mais, que o que ele disse e fez é o que foi escrito por eles.

Todo o conhecimento gerado e transmitido por alguns assenta no trabalho de muitos outros, dos que escreveram o que fizeram, o que viram, o que conseguiram ou não conseguiram. É uma enorme cadeia, uma rede de conhecimento que vem das profundezas do passado e nos empurra hoje para o futuro. E para ela podemos todos contribuir, escrevendo a nossa experiência, o nosso estudo, o nosso trabalho. “Palavras leva-as o vento”, ficam as retidas no papel.

A medicina é uma actividade que exige uma constante actualização, em que não basta aprender bem o mister e depois ir praticando-o ao longo da vida, acumulando a experiência do dia a dia. A sua base não mudou, a natureza humana manteve-se, a semiologia clínica também, mas os meios de diagnóstico e de terapêutica evoluem de modo estimulante, acompanhando também descobertas muito relevantes do foro fisiopatológico e etiopatogénico.

É fundamental para um médico ler. E para ele ler é preciso alguém escrever, e é dos que escrevem que os outros se vão alimentando. O conhecimento escrito pode ser transmitido no espaço e no tempo, pode ser apreendido logo na altura ou revisitado muito depois, tendo contribuído não raramente para o progresso verificado dezenas ou centenas de anos mais tarde.

É claro que para muitos é mais fácil falar, apresentar trabalhos apenas oralmente, sem dar a quem ouve a possibilidade de pensar no que foi dito, de o rever, e apreciar, de nele encontrar eventualmente pontos fracos ou incongruências ou dele tirar todo o sumo que contem. Para escrever é necessário ordenar bem o pensamento,



verificar cuidadosamente o que se escreve, como se escreve, porque fica lá e não se pode apagar: é a nossa verdade, somos nós. E há ainda que vencer a dificuldade da escrita, esse instrumento extraordinário que encerra em sinais gráficos o que falamos e o que pensamos, e o dá a conhecer aos outros, de perto e de longe, agora ou no futuro.

O manuseio da língua escrita implica conhecê-la bem, e isso significa ler. Por isso o médico, ao pretender escrever sobre o seu trabalho, tem de ler muito, e não só de medicina. Só depois deverá vir a possibilidade de redigir, transmitindo o que considerar importante. Se tiver uma ideia, ou um assunto, que considere válido, há que primeiro estruturá-lo mentalmente, depois transferi-lo para o papel, explanando-o com princípio, meio e fim, comunicando-o aos leitores em linguagem cientificamente adequada, de modo claro e compreensível. É correctamente do ponto de vista linguístico. Um artigo científico não deve ser escrito numa forma literária rebuscada, mas tem obrigatoriamente de ser bem escrito; não é uma peça literária, mas nada impede que seja uma boa prosa que, por isso, se leia com prazer.

Apesar da responsabilidade do que é escrito ser dos autores, os editores duma revista científica têm de se preocupar com que os trabalhos publicados atinjam uma qualidade mínima, e se enquadrem no espírito da publicação, de modo a que ela constitua um todo contínuo, com partes diferentes mas relacionadas entre si, proporcionando consistentemente uma leitura homogénea sobre o seu tema fundamental. É um trabalho que, como se compreende, não é fácil, e cujo resultado está, naturalmente, muito dependente do afluxo de artigos, do seu número, tipo e qualidade. A obrigação da publicação periódica é sempre uma pressão sobre os editores, tendo que se compor cada número sem compromisso significativo da qualidade.

Os trabalhos recebidos e considerados à partida adequados são sujeitos a uma revisão por pares, de modo a aquilatar-se, independentemente do corpo editorial, da sua qualidade intrínseca, quer científica quer literária, e do seu interesse para a comunidade médica. Os revisores ignoram quem são os autores, e devem ser escolhidos entre colegas de reconhecido mérito, sobretudo com trabalhos publicados, dentro e fora do país, e que se mostrem capazes de rever trabalhos científicos. É um trabalho altamente meritório, que distingue a quem ele é pedido, mas a experiência tem mostrado que pode nem sempre ser feito da melhor maneira.

Se a metodologia usada no trabalho for adequada e as conclusões tiradas resultarem delas, não há que concordar ou discordar, nem comparar com outros resultados doutros trabalhos ou opiniões do próprio revisor (às vezes nem publicadas em lado nenhum), a não ser eventualmente fazendo sugestões para melhorar a discussão; se estiver escrito de modo correcto do ponto de vista linguístico, não há que mudar o texto – cada um tem a sua forma de escrever, que deve ser preservada, embora o texto possa ser melhorado aqui e ali, sem alteração do espírito ou do estilo. Por outro lado, é muito curto dizer apenas que o assunto é interessante, ou que deve ou não deve ser publicado: a revisão deve ter um componente didáctico também, na medida do possível e do necessário, pelo que deve ser entregue a quem a assuma nessas condições. E o faça adequadamente, para se poder transmitir o resultado aos autores de modo a que estes o aceitem e até o agradeçam.

O facto de as revisões nem sempre correrem bem (às vezes total e radicalmente antagónicas, ou insuficientes, ou invocando razões que para outros não colhem) leva à necessidade do cuidado permanente e activo dos editores nessa matéria, tendo o editor científico de não poucas vezes compor do modo coerente possível as respostas aos autores. Destas situações resulta alguma da eventual demora na resposta editorial, mas não tanto como do atraso



na realização das revisões por muitos dos revisores consultados, e das alterações conseqüentemente a fazer pelos autores – como se estes não tivessem interesse em ver os seus trabalhos publicados!

Em suma, é preciso ler para aprender, e para todos lerem é fundamental que alguns escrevam. Se os editores são os responsáveis por uma revista, e os revisores têm nela um papel muito importante, ao reconhecerem a qualidade dos trabalhos ou a sua falta e sobretudo contribuírem para a aumentar, os autores são fundamentais. Sem eles não há publicações científicas. E autores podemos ser todos, expondo as nossas experiências e o nosso conhecimento, dando-os a ler a outros e lendo o que eles tiverem para dizer. É por essa troca que se vai aprendendo e ensinando, e é dela que vai nascendo o progresso. E, quem sabe, pode ser que alguns de nós fiquem por isso conhecidos para a posteridade...

Correspondência:

CARLOS COSTA ALMEIDA
e-mail: c.m.costa.almeida@gmail.com

